

A GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS, A SUSTENTABILIDADE E O IMPACTO ECONÓMICO

JOÃO GOMES

PARTNER E COORDENADOR DO CENTRO DE COMPETÊNCIA DA AGRICULTURA MONERIS

A ATIVIDADE AGRÍCOLA E OS AGRICULTORES, EM PARTICULAR, DEPARAM-SE HOJE EM DIA COM UM DESAFIO FUNDAMENTAL – A GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS. ESTA QUESTÃO ENCERRA UM CONJUNTO DE AMEAÇAS, DESAFIOS, MAS TAMBÉM DE OPORTUNIDADES, COM IMPACTOS DIRETOS NA VIDA DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS E DOS CONSUMIDORES.

■ No contexto global, fatores como o crescimento da população mundial, as assimetrias nos rendimentos das populações e a alteração de padrões de vida, estão a colocar em causa a capacidade do planeta suportar os efeitos da atividade humana. De facto, já enfrentamos hoje uma crise ao nível dos recursos hídricos, a qual tem sérias consequências a vários níveis, desde a segurança alimentar, a quebra das cadeias de abastecimento ou a insuficiência da capacidade produtiva.

Naturalmente, que se trata de uma temática complexa, que terá de ser alvo de diferentes abordagens, ao nível nacional e internacional. A cadeia alimentar, que começa com a atividade agrícola, percorre a atividade industrial (de fabrico) e finaliza no consumo. Esta tem implicações determinantes ao nível da disponibili-

de e da qualidade da água, do consumo energético, repercute-se nas alterações climáticas, na qualidade dos solos, do ar e a biodiversidade, dependendo ao mesmo tempo, em larga medida, de todos estes recursos ambientais.

O panorama nacional não é diferente, e se nos centrarmos no início da cadeia de produção, a escassez dos recursos hídricos encontra-se na linha da frente das preocupações dos agricultores. Dependendo das regiões, essa ameaça e desafios subjacentes variam. O projeto do Alqueva veio demonstrar essa realidade, tendo em poucos anos modificado o paradigma da produção na região alentejana, agora irrigada pelas águas do Alqueva. Não só o tipo de culturas se alteraram, mas também a produtividade dos solos, com impacto direto nas quantidades, preços e montantes disponíveis para novos investimentos. Muitas das novas apostas de cultivo têm como prioridade as questões da sustentabilidade, respondendo assim à preocupação com o futuro e dando resposta às exigências dos consumidores.

Adicionalmente, a disponibilidade destes recursos hídricos tem atraído investidores internacionais, além de nacionais, o que modificou a génese da estrutura de capitais das empresas agrícolas presentes na economia local. Observam-se investimentos mais consistentes, apoiados em projetos estratégicos, assentes em processos inovadores e financeiramente bem estruturados. A gestão destes novos projetos e empreendimentos é profissionalizada, apoiada por consultores nacionais e internacionais com experiência comprovada, alicerçada numa visão e planeamento de médio-longo prazo. Mas nem tudo está feito ou é perfeito. Existem, ainda, condicionamentos nas áreas da planície alentejana abrangida pelo regadio do Alqueva, fruto de estrangulamentos ao nível ambiental e da morosidade na implementa-

ção de processos alternativos de regadio. O paradigma do Alqueva pode e deve ser transposto para o Ribatejo, discutindo-se agora o projeto Tejo, o qual permitirá alterar toda a fisionomia agrícola da lezíria Ribatejana, e não só. Este projeto permitirá aumentar o potencial hídrico e hidroagrícola do Vale do Tejo e Oeste, via regadio, com a captação, armazenamento, transporte e distribuição de água, delimitando as regiões potencialmente irrigáveis.

Essas alterações terão impactos socioeconómicos e ambientais no futuro. Tratar-se-á de uma transformação estrutural da economia das áreas abrangidas, por via da introdução de diferentes culturas, maior produção, maior rentabilidade, maior sustentabilidade, entre outras. Ora, esta mutação far-se-á claramente com a alteração das estratégias seguidas, pelo que será necessário avaliar os novos investimentos e processos e reavaliar os precedentes, fruto da entrada de novos investidores agrícolas, agro-industriais e em atividades paralelas e complementares.

A atração de novos investidores agrícolas e a transformação e resiliência dos atuais terá de ser acompanhada de estudos de viabilidade, culminando os mesmos na questão económica e financeira, a qual permitirá avaliar a viabilidade dos investimentos, não descurando a análise dos novos processos a introduzir, a reengenharia dos existentes e colocando a temática da sustentabilidade como elo de ligação na cadeia inicial e final do projeto de investimento.

Em conclusão, o futuro da lezíria ribatejana e das restantes regiões do país depende da correta e urgente coordenação das questões hídricas, permitindo alterar a face dos investimentos agrícolas, potenciando a produção, impactando a economia local e nacional e conferindo um grau de sustentabilidade a médio-longo prazo. 🌱